

**AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**INCLUSÃO E O DESENVOLVIMENTO: ENSINO APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS  
PORTADORA DE SINDROME DE DOWN**

**Autor: Jéssyca Mayara da Rosa Bernardi**

**Orientadora: Tatiane Ferreira Garcia.**

**JUÍNA/2014**

**AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**INCLUSÃO E O DESENVOLVIMENTO: ENSINO APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS  
PORTADORA DE SINDROME DE DOWN**

**Autor: Jéssyca Mayara da Rosa Bernardi**

**Orientadora: Tatiane Ferreira Garcia.**

“Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Pedagogia, do Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena como exigência para obtenção do título de Licenciado em pedagogia.”

**JUÍNA/2014**

**AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA**  
**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Professora Esp. Helena Lopes Bruno.

---

Professora Esp. Candida Gonçalves Peixoto.

---

Professora Esp. Tatiane Ferreira Garcia.  
ORIENTADORA

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho primeiramente a Deus por ter me dado forças e me encorajado nas horas mais tensas durante estes três anos e seis meses, aos meus pais Cláudio Antônio da Rosa minha mãe Rozilei Terezinha Rodrigues da Rosa e ao meu esposo Ronei Bernardi sempre me apoiaram durante minha jornada na faculdade, por todas as dificuldades encontradas sempre estavam ao meu lado dando todo apoio que podiam e sempre compreendendo a minha ausência e me dando forças para lutar e concluir a faculdade.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a compreensão dos meus pais e do meu esposo por minha ausência, que mesmo assim nunca deixaram de me apoiar e incentivar nas dificuldades. Aos meus professores que estiveram comigo nesta caminhada incentivando e mostrando os caminhos certos, mas em especial à Ana Leticia de Oliveira, Denise Peralta Lemes sendo que cada uma delas com sua maneira de ser me mostrou que o mundo precisa de pessoas mais críticas. E por fim minha Orientadora Tatiana Ferreira Garcia que com toda delicadeza, cuidado e carinho me orientou durante esses seis meses finais do curso, agradeço também a professora Especialista Candida e Helena por ter aceitado a participar da banca de monografia.

*Eu sei que eu não sou perfeito e não tenho a pretensão de ser. Portanto, antes de apontar seus dedos tenha certeza de que suas mãos estão limpas.*

**Bob Marley.**

## RESUMO

O presente trabalho fala sobre a inclusão de alunos portadores de necessidades especiais em específico a Síndrome de Down, sendo inserida na escola com modalidade de ensino regular, deste modo observando o ensino aprendizagem, desenvolvimento cognitivo e a interação dos outros alunos normais com o portador de deficiência, a mesma procurando ver até onde estas crianças estão sendo incluídas nas escolas regulares e verificar as dificuldades que os professores enfrentam em sala de aula para trabalhar com essas crianças, ou seja, se possuem algum tipo de treinamento formal para poder trabalhar com esses alunos. Em seguida ver a dificuldade que os pais têm em aceitar no primeiro momento a notícia que terá um filho com necessidades especiais, e mostrar a difícil aceitação dos pais em possuir filhos com Síndrome de Down, de esta forma relatar as dificuldades que os familiares encontram na de escolher a escola para seu filho, pois tem medo de colocá-los nas escolas regular ou se matriculam em escolas especializadas para esse tipo de deficiência. No primeiro momento a pesquisa teve início com referências bibliográficas logo após foi elaborado um questionário contendo dez questões para que os professores, diretores e psicólogos respondessem tendo como objetivo a pesquisa qualitativa, em seguida foi escolhido as escolas para aplicar os mesmo, sendo a Escola Estadual 21 de Abril e a Escola Pestalozzi, pois a primeira trabalha como ensino regular e a segunda com ensino especial de crianças, estas escolas foram escolhidas para se fazer uma relação entre as duas, visando saber qual delas seria a mais adequada para trabalhar com criança especiais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inclusão. Desenvolvimento. Aprendizagem.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01. Acompanhamentos e indicações.....</b>	<b>27</b>
<b>Figura 02: Criança com Síndrome de Down tem aula no ensino regular. ....</b>	<b>29</b>

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**SD** – Síndrome de Down.

**LDB** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

**TCC** – Trabalho de Conclusão de Curso.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
CAPÍTULO I .....	13
1 HISTÓRIA DA SÍNDROME DE DOWN.....	13
1.1 DEFINIÇÃO DA SÍNDROME DE <i>DOWN</i> .....	16
1.2 A SÍNDROME DE DOWN NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA .....	20
CAPÍTULO II .....	24
2 METODOLOGIA .....	24
CAPÍTULO III .....	26
3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	26
CONCLUSÃO .....	31
REFERÊNCIAS.....	33
APÊNDICE.....	36

## INTRODUÇÃO

O tema dessa monografia inclusão e o desenvolvimento: ensino aprendizagem de crianças portadora de síndrome de *down* tem como finalidade ver as reais dificuldades que a sociedade tem ao tentar incluir essas crianças no seu meio social, ou seja, as escolas de ensino regular ainda tem uma grande dificuldade em aceitar alunos com tais deficiências, mas lembrando de que antigamente estas crianças eram discriminadas e em alguns casos as famílias não os levavam nem para passear, pois tinham vergonha do seu próprio filho que era deficiente, porém com o passar dos anos a sociedade vem tendo algumas mudanças significativas, mas ainda falta muita para que se chegue a uma educação inclusiva, sendo assim a sociedade possui dificuldades em inserir pessoas com necessidades especiais.

Desta forma observamos como é feita a inclusão em sala de aula desde antigamente, porém percebemos que apesar de toda a globalização que vem ocorrendo ainda se tem muitas dificuldades em ver essas pessoas como seres humanos e dignos de conhecimento, lembrando que na sala de aula se tem uma troca de conhecimento entre alunos e professores independentes das dificuldades físicas ou mentais dos alunos.

Contudo este trabalho tem a finalidade de mostrar a importância de incluir crianças com SD<sup>1</sup> em escolas regulares para que as mesmas tenha o contato diário com coleguinhas normais que possuem a mesma linguagem, ou seja, que o mesmo aprenda junto com os demais, ressaltando que cada aluno tem sua dificuldade seja ela na aprendizagem ou no seu processo cognitivo, desta forma devemos incluir sem excluir essas crianças nas salas de aula, levando em conta todas as dificuldades encontradas pelos professores em sala de aula para trabalhar com os alunos especiais, desta podemos perceber o quando é dificultoso para o professor que muitas vezes não está preparado para atender as necessidades destes alunos.

Sendo assim os portadores de SD, desde cedo já sofrem e carregam um drama, pois tudo começa em casa com os pais ao perceber que o filho tem essa síndrome, onde muitas vezes a exclusão começa dentro de casa pela sua própria família. Apesar de tudo os portadores de SD já conseguiram conquistar seu espaço

---

<sup>1</sup> Sigla SD – Síndrome Down.

no meio social, mais ainda o mesmo problema acaba se repetindo com as indecisões dos próprios pais na escolha da escola, acaba de certa forma retendo seus filhos de conhecer o mundo. Desta forma surgem os seguintes problemas:

- ✓ Que é a grande dificuldade que as crianças portadoras de Síndrome de Down têm em relação ao ensino/aprendizagem?
- ✓ As dificuldades que as escolas têm ao receber crianças portadoras de Síndrome de Down?
- ✓ Essas escolas estão preparadas para trabalhar com essas crianças portadoras de necessidades especiais?

Levando em consideração são problemas muito relevantes que causa certa revolta nessas crianças quando crescem.

Uma das grandes hipóteses seria que os pais tenham menos resistência em aceitar a deficiência de seu filho e que o apoie em suas conquistas diárias e que os professores tanto do ensino regular, quanto do ensino especial se especializem e busquem uma metodologia para trabalhar com essas crianças.

Contudo o objetivo para isto seria mostrar a dificuldade de incluir essas crianças portadoras de Síndrome de *Down* na escola de ensino regular, destacar o quanto é importante incluir essas crianças com deficiência com outras propriamente ditas normais, avaliar a importância da formação dos professores para o ensino/aprendizagem dessas crianças, analisando o desenvolvimento ensino/aprendizagem dessas crianças.

Apresentar para a sociedade que essas crianças e adultos portadores de necessidades especiais também são seres humanos e não monstros e aberrações como eram chamados no passado e também mostrar a sua grande capacidade de construir algo novo, de sair nas ruas sem que as pessoas os olhem com pena, pois são capazes tanto quanto uma pessoa “normal”. A importância da sociedade incluir verdadeiramente essas crianças, porque nosso futuro também depende deles.

Para isto a metodologia adotada foi pesquisas bibliográficas de livros, revistas, monografias e artigos da internet, onde foram feitos fichamentos sobre cada um e logo em seguida entrando com a pesquisa a campo com peso qualitativo com a finalidade de analisar a real situação das crianças portadoras de síndrome de

down na escola regular, visando também o ensino na escola especial e tirando a conclusão de qual escola seria melhor para essas crianças com deficiências, sendo que foi aplicado questionários para professores que trabalham com essas crianças.

Desta forma o trabalho esta dividido em três capítulos, sendo o primeiro capítulo falando a história da SD que vem contando a historia desde a Grécia e possuindo e abrindo dois subcapitulo sendo um relatando as definições da SD que fala sobre o que causa a síndrome o outro é a SD na escola inclusiva onde fala se antigamente tinha inclusão. O segundo capítulo fala sobre a metodologia as formas utilizadas para realizar a pesquisa e o terceiro capítulo é a analise dos dados da pesquisa a campo realizada.

## CAPITULO I

### 1 HISTÓRIA DA SÍNDROME DE DOWN

A história da Síndrome de Down teve um longo percurso de tempo, muitos pesquisadores e geneticistas estudavam para tentar descobrir a causa da deficiência, sendo que as crianças que nasciam portadoras da SD eram muito parecidas, onde muitas vezes nem mesmo eram parentes, desta forma John Langdon Down, que era um médico inglês observando as características dessas pessoas conseguiu perceber as inúmeras semelhanças entre elas como citado anteriormente.

De acordo com Stray-Gundersen (2007. p. 36-37):

Muito antes que a relação genética com a Síndrome de Down fosse descoberta. John Langdon Down, um médico inglês descreveu essa condição como um conjunto distinto de características". Em 1866, diferenciou a Síndrome de Down de outras condições, observando algumas características comuns a ela associadas como cabelos lisos e finos, nariz pequeno e face alargada. Down é também responsável pela sua denominação de "mongoloide". Essas outras denominações depreciativas não são mais empregadas atualmente, embora as pessoas ainda precisem ser lembradas de que a Síndrome de Down não se refere a alguém que é infeliz ou inferior.

Desta forma valem ressaltar que muitas pessoas hoje em dia ainda têm inúmeros preconceitos com crianças portadoras de SD assim como John Langdon Down as pessoas veem estas crianças ou adultos como se fossem criaturas incapaz de ser feliz, sendo que as mesmas têm sentimento e os expressam a todo o momento. . Conforme Silva e Dessen (2002. p. 167-176) e Stry -Gundersen.( 2002. P. 37). A denominação de Síndrome de Down na opinião (SILVA e DESSEN. 2002. p. 167-176) só foi proposta depois de varias denominações sido usadas de forma bem pejorativa e discriminadora como imbecilidade mongoloide, idiotia mongoloide, cretinismo furfuráceo, acromicria congênita, criança mal acabada dentre outras.

A autora (STRY - GUNDERSEN. 2002. P. 37). Esclarece que:

No século XX, os avanços nas pesquisas genéticas ajudaram os cientistas a começarem a compreender a causa da Síndrome de Down. No início da década de 1930 suspeitaram de que a Síndrome de Down podia ser causada por uma alteração cromossômica. Em 1959 Jerome Lejeune, um dos geneticistas francês, descobriu que as células cultivadas de um indivíduo com Síndrome de Down tinham um cromossomo extra. Mais tarde,

descobriu-se que o cromossomo extra, era exatamente o cromossomo 21. Esses resultados levaram à descoberta das outras formas de síndrome de Down, incluindo a translocação e o mosaicismo. O tratamento de pessoas com Síndrome de Down também progrediu de maneira notável ao longo das décadas. Seu tempo de vida aumentou, melhorou a educação e os cuidados das pessoas foram marcantes. Durante muitos anos, consideravam-se que as crianças com Síndrome de Down não tinham potencial para aprender. Negava-se a oportunidade para aprenderem, pareciam confirmar a errônea baixa estimativa da sociedade a respeito de suas capacidades. Felizmente, o mundo atual é muito diferente para as crianças com Síndrome de Down. Contemporaneamente os médicos, cientistas e pesquisadores continuam a explorar as causas, os efeitos e o tratamento da Síndrome de Down.

Na década de 50 a 70 se tinha um grande preconceito com crianças portadoras de qualquer tipo de deficiência podia ser ela física ou mental, desta forma seus pais com vergonha do que a sociedade iria falar a respeito de seu filho muitos isolava essas crianças em casa como se fossem aberrações.

Conforme o autor (PIMENTEL 2012, p.34):

Na Grécia Antiga, os indivíduos com deficiência eram considerados não humanos, monstros, que eram abandonados para morrer. Na Idade Média, essas pessoas eram consideradas como resultado da relação entre uma mulher e o demônio e, portanto possuídas pelo demônio.

Na Grécia Antiga as crianças com síndrome de *Down* eram consideradas como se não fossem humanos e sim como monstros, onde eram abandonadas a própria sorte, ou seja, eram deixadas pelas suas famílias em algum lugar para que morressem. Na idade média essas pessoas eram consideradas demônios, pois acreditavam que era uma relação com uma mulher e o demônio desta forma através desta relação nasciam crianças que eram consideradas monstros.

Desta forma Pimentel (2012): “Já no século XIX começaram a surgir às escolas, institutos entre outros centros onde iriam estudar sobre as deficiências mentais”.

Após estes estudos podemos dizer que a sociedade teve um grande avanço, pois a partir dos mesmos é que conseguimos chegar à sociedade que estamos hoje e desta forma incluindo os deficientes em nosso meio social.

No entanto Pimentel (2012, p.35) afirma que:

Tais mudanças foram sendo possíveis a partir de estudos teóricos que possibilitaram uma movimentação na sociedade mundial rumo à defesa de

um processo de educação inclusiva para pessoas com necessidade educacionais e especiais.

Contudo isso as mudanças só foram possíveis após os estudos realizados, onde então começou a movimentação de uma sociedade mundial que ia a busca de uma educação inclusiva, tendo em vista a visão de que todos tem direito a educação.

Foram realizados varias conferências sobre as crianças com deficiências físicas mentais entre outras, até conseguir chegar aos resultados dos dias de hoje, porém ainda não chegamos a um patamar ótimo de inclusão.

Segundo Pimentel (2012):

Apesar de todos os estudos realizados somente em 1996 com a aprovação da LDB – Leis Diretrizes e Base Nacional 9.394/96 que, em seu Art. 85, preconiza a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino.

Essas crianças com síndrome de *Down* devem ser incluídas em escolas regulares mesmo que muitos professores não estejam aptos a trabalhar com esses alunos, ou seja, não tem uma qualificação adequada que consiga incluir totalmente essas crianças. Porém devemos levar em conta que desde cedo as mesmas frequentem escolas de ensino regular, onde serão incluídas com as crianças propriamente ditas “normais<sup>2</sup>”, desta forma as que possuem síndrome devem sim ser incluídas em escolas regulares até porque com os outros alunos “normais” ajudará no desenvolvimento do mesmo.

Sendo assim Fontinelli (2010, p. 149) afirma que:

O desenvolvimento de uma criança com a síndrome de Down se difere em pouca coisa do desenvolvimento das demais, dessa forma ela pode frequentar uma escola de ensino regular, pois o convívio com outras crianças não portadoras da síndrome irá colaborar no seu desenvolvimento. [...] Além disso, essa convivência também é positiva para as demais crianças, pois faz com que cresçam respeitando as diferenças, sem nenhum tipo de restrição em seu círculo de amizade, seja por raça, aparência, religião, nacionalidade.

---

<sup>2</sup> NORMAL: Referisse a crianças que não são portadoras de Síndrome de Down.

A grande importância de incluir essas crianças com síndrome na escola regular é que as mesmas sem querer já estarão ajudando a formar uma nova sociedade sem preconceito, onde cada indivíduo deve respeitar as diferenças e as necessidades de cada ser humano.

Conforme destaca Pimentel (2012 p. 35).

É importante considerar que essas conquistas no âmbito político e da legislação são imprescindíveis, porém não o suficiente para demolir os obstáculos simbólicos e materiais impostos a tais pessoas durante séculos. Há que se promover políticas públicas que efetivem a inclusão social já assegurada no âmbito de legislação.

Mas vale ressaltar que a cada evolução da política e da legislação sobre a inclusão é um grande avanço, porém ainda não é suficiente para derrubar as barreiras que essas crianças enfrentam ao entrar na escola, pois ainda há muito a se pensar sobre as políticas públicas, pois a mesma impõe uma educação inclusiva amparada por leis, conforme Carvalho LDB, Lei 7044 de 18 de outubro de 1982: “Relata que no art. 09 todos os alunos que tiver algum tipo de deficiência sejam ela física mental ou algum atraso o qual é considerável, todos estes deverão receber um tratamento especial, onde são aparadas por lei”, mas muitas escolas preferem não trabalhar com crianças que possuem necessidades especiais, por muitas vezes não estarem preparadas o suficiente para receber estes alunos, mas como essas crianças são aparadas pelas políticas públicas algumas escolas matricula este aluno sem ter uma estrutura para trabalhar com os mesmos.

### **1.1 DEFINIÇÃO DA SÍNDROME DE *DOWN***

Antigamente não se tinha dados e nem relatos de pessoas portadoras de síndrome de *Down*, pois era uma doença escondida pelos pais que tinham filhos portadores dessa síndrome, sendo assim quando mulher que engravidava a família ficava radiante à espera do bebê, todos torcem que venha com saúde e sem nenhuma "deficiência", pois nem sempre é como desejamos, agora quando nasce uma criança portadora de qualquer necessidade especial, a família não sabe como agir diante da situação, há famílias que preferem esconder os filhos para que

ninguém saiba, e outras buscam recursos para que seus filhos tenham uma melhor qualidade de vida no meio social.

Varella (2013 p.01) relata também que:

No passado, a síndrome de Down era conhecida como mongolismo porque a fenda palpebral inclinada característica dos portadores lembra o formato de olhos dos orientais. Pessoas com Down apresentam outros traços peculiares – cabeça mais achatada na parte de trás, língua protusa, orelhas um pouco menores e implantadas mais abaixo, hipotonia muscular, uma linha única na palma da mão – e comprometimento intelectual.

No passado esse distúrbio causado por um cromossomo<sup>3</sup> a mais, ou seja, na divisão dos cromossomos do bebê ele sofre uma mutação, no qual um desses pares fica com três cromossomos que é o número 21, e também era conhecida como mongolismo, devido a suas características físicas como a cabeça mais achatada na parte de trás, a língua mais grossa e dificuldades na fala. De acordo com Varela (2013), “Não tem muito tempo, que crianças nascidas com Down eram afastadas ou excluídas do grupo social e familiar e, em geral, não viviam mais do que 30, 35 anos”, aproximadamente no século XVIII e XIX na Grécia essas crianças eram rejeitadas pela sociedade, ou seja, seus pais levavam elas para um local, onde ela ficavam a própria sorte até que morressem, sendo assim cada religião pregava a sua crenças sobre as crianças deficientes, se levarmos em conta todo o processo de mudança que a sociedade vem sofrendo podemos perceber um certo avanço sobre as crianças com deficiência.

Antigamente a expectativa de vida das crianças portadoras de *síndrome de down* era apenas de 30 a 35 anos de vida. Mas Keifer (2012. p. 01) fala que: “Hoje, a expectativa de vida é de 60, 70 anos. A primeira coisa que mudou foi à exigência dos pais, que passaram a obrigar os médicos que cuidavam dos irmãos de Down a aplicarem os mesmos conhecimentos em ambos”.

Hoje esses números aumentaram, ou seja, a expectativa de vida dessas pessoas hoje foi ampliada em 40 anos, ou seja, com essa ampliação nos anos essas pessoas passaram a ter uma expectativa de 60 a 70 anos de vida. Sendo assim com o passar dos tempos os pais já têm uma grande facilidade em aceitar seus filhos com essa síndrome, porém ainda tem muita resistência na hora de ir à escola, se

---

<sup>3</sup> Segundo o dicionário Aurélio (2010.p.210): Cromossomo é a unidade morfológica e fisiológica, visível ou não ao microscópio óptico, e que contém a informação genética.

vão colocar a criança em uma escola regular junto com outras crianças propriamente ditas “normais” ou colocar em uma escola especial, essa é a grande dúvida que os pais tenham com relação a essas crianças portadoras de necessidades especiais.

Varella (2013 p. 01) relata que:

A criança nasce, os pais aceitam que ela tem algumas diferenças e, como vivem mais, chega a hora de colocá-las na escola. Em que escola deve ser matriculada? Uma escola comum ou especial? Somos pessoas que vivemos atrás de modelos. Isso significa que, diante de um modelo adequado, pertinente, provavelmente iremos imitá-lo. [...] Quando chega a hora de ir para a escola, a pergunta é: que tipo de escola? As escolas especiais têm pertinência para casos muito delicados de auto comprometimento que exijam a atuação profissional especializada. A grande maioria, porém, deve ser matriculada numa escola comum, porque crianças com Down têm potencialidades que precisam ser trabalhadas. O que não pode ser exigido delas em sala de aula é que tenham capacitação didática igual à das outras crianças. [...] Meninos e meninas com Down namoram? Como é o relacionamento afetivo e a vida sexual dessas pessoas? Todos namoram. Todos têm uma paixão primária, platônica, como a que nós tivemos na vida. Eu, por exemplo, achava a Brigitte Bardot uma mulher fantástica. Curiosamente, eles enfrentam um preconceito inicial. “Não quero namorar aquele ali que têm Down”, é a primeira reação, mas depois namoram, amam, têm vida sexual ativa. Hoje até se discute a possibilidade de terem filhos. Não se pode deixar de enfatizar que eles amam como nós amamos, muito mais intensamente até. Parece que têm um querer maior de fazer carinho, do contato pele a pele, de manter uma convivência contínua e respeita o outro de forma mais profunda do que as pessoas sem a síndrome.

Toda criança com SD tem os mesmos direitos do que os “normais”, os mesmo tem uma vida normal, namoram casam e em alguns casos têm até filhos, sendo que 50% de chances apenas desses bebês não nascem com nenhum tipo de deficiência, porém os outros 50% ocorrem abortos espontâneos ou os bebês nascem com a mesma deficiência dos pais. As pessoas portadoras da síndrome levam uma vida normal como qualquer outra pessoa.

A Síndrome de *Down*, hoje é mais conhecida, ou seja, a maioria das pessoas já viu ou ouviu falar sobre esta síndrome, pois antigamente crianças portadoras de SD não frequentavam escolas normais e nem especiais, apesar de que hoje isto ainda é um dos grandes problemas de inclusão, pois as escolas propriamente ditas não estão preparadas para receber essas crianças com essa deficiência, seja na estrutura física da escola e também os professores, pois o governo até oferece alguns cursos para que os professores se aperfeiçoem mas não é o suficiente. Silva (2010) fala que: O desenvolvimento de uma criança com

Síndrome de *Down* difere um pouco das demais, dessa forma ela pode frequentar uma escola de ensino regular, essa convivência no âmbito escolar, também é positiva para as demais crianças.

Os pais dessas crianças não sabem se é melhor colocá-las em uma escola especial ou em uma escola propriamente dita “normal”, pois alguns pais tem medo que seu filho seja discriminado e que o mesmo sofra bullying de seus colegas na escola regular e também por ficar em dúvidas se os professores estão preparados para trabalho com a deficiência de seu filho.

Conforme Fontinelli (2010):

O desenvolvimento de uma criança com SD se difere em pouca coisa do desenvolvimento das demais, desta forma ela pode frequentar uma escola de ensino regular, o que trabalhara em grupo e apreendera muito mais. Apesar de todos esses transtornos vividos pelos portadores de SD, eles conseguiram superar todos, claro dentro de suas limitações conquistaram seu espaço no meio social.

Portanto se tem muitas razões para que essas crianças frequentem uma escola regular independente do grau de deficiência cognitiva<sup>4</sup>, todos têm a mesma capacidade de agir e pensar, seja ela mais rápido ou lento tudo depende do grau da síndrome *Down* de cada um.

Segundo VARELLA (2013 p.01):

Muitas vezes, os pais de crianças que nascem com problemas genéticos são tomados pela sensação de falha, de fracasso. O que mostra sua experiência sobre a reação diante da notícia de que o filho é portador da síndrome de Down? Todos nós esperamos ter um filho o mais perfeito possível, o mais inteligente e mais bonito, e desejamos a ele tudo aquilo que somos e muito mais. Quando nasce uma criança com qualquer disfunção ou malformação, sobre a qual tenhamos estabelecido um conceito anterior de que é uma situação lesiva, o sentimento inicial é de perda, de luto. Perdemos o envolvimento com o futuro do nosso filho e perder o futuro é uma coisa extremamente delicada.

---

<sup>4</sup> Conforme o dicionário Aurélio (2010. p. 222): Deficiência é a falta, carência, insuficiência. Conforme o dicionário online (2014. p. 01): Deriva da palavra Cognição, que significa: modo perceber e interpretar a si mesmo. Não segue um padrão descritivo de interpretação porque é subjetivo, ou seja, cada qual tem uma forma pessoal de análise, levando em conta sua capacidade de aprendizado pela cognição. Cognição é o ato ou processo de conhecer, que envolve atenção, percepção, memória, raciocínio, juízo, imaginação, pensamento, linguagem e ação.

## 1.2 A SÍNDROME DE DOWN NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Nesse processo inclusivo para melhor compreensão da política nacional de educação inclusiva, que garante o direito de inserção de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular, proibindo qualquer forma de rejeição ou discriminação de alunos que apresentam algum tipo de deficiência sensorial, motora, intelectual ou qualquer outro problema que requeira adaptações metodológicas, curriculares ou estrutura física, será necessário fazermos uma breve incursão dos movimentos educacionais no Brasil.

Há vários séculos, as pessoas que não se enquadrasse no padrão de normalidade que era estabelecido pela sociedade, às mesmas eram rejeitadas e excluídas da sociedade, sendo que muitas vezes era levada a morte. Conforme Aranha (2005), “as mudanças que ocorreu na estrutura política, tanto na parte social e econômica da sociedade, mas graças ao avanços conquistados na medicina após o século XVI”.

Após isto a deficiência começou a ser vista como se fosse algo de uma natureza orgânica, aonde as suas causas era naturais sendo que não estava mais ligada aos espirituais como na Idade Média. No princípio surgiram alguns paradigmas, onde por muitos anos manteve as pessoas portadoras de deficiência longe de qualquer convivência com meio social de seus próprios parentes. Segundo Aranha (2005), “parecia mais com um confinamento ao invés de locais para processos educacionais de pessoas com deficiência, na realidade as tais instituições foram ou ainda são muito mais que prisão”. Desta forma estas instituições tinham como objetivo preparar ou recuperar as pessoas que tinham algum tipo de deficiência para que os mesmos pudessem viver em sociedade.

Após a década de 90, no Brasil toda a trajetória da educação dos deficientes começou a mudar vivendo assim a “transição entre a interação e a inclusão” (SASSAKI 2003, p. 43). Com a decorrência da Constituição Federal de 1988, onde garante o atendimento educacional especializado e o direito da educação que é oferecida na classe comum do ensino regular. Desta forma todos os Órgãos Oficiais, devem atender qualquer tipo de cidadão independente de classe, sexo, raça, idade com deficiência ou ausência dela.

Conforme Fávaro (2007, p. 29):

A educação inclusiva garante o cumprimento do direito constitucional indispensável de qualquer criança de acesso ao Ensino Fundamental, já que pressupõe uma organização pedagógica das escolas e práticas de ensino que atendem às diferenças entre os alunos, sem discriminações indevidas, beneficiando a todos com convívio e crescimento na pluralidade.

Desta forma a educação nas escolas é para todos independente do grau de dificuldade que o indivíduo tenha, já que a lei impõe que todas as escolas regulares tenham crianças com deficiência as mesmas não deve ter discriminação contra essa criança e nem mesmo deixa-la de atender, sendo assim o convívio acabará beneficiando a todos, pois juntos terão um grande crescimento.

Conforme a Constituição Federal de 1988 é direito de todos a ter uma educação onde garanta que o ensino seja de qualidade para que o indivíduo tenha uma formação adequada para se tornar um ótimo cidadão lembrando que isto é dever do estado e da família.

Segundo a Constituição Federal de 1988 (2005, p. 57):

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte de saber.

Desta forma toda criança tem o direito de ir a escola mesmo que tenha algum tipo de deficiência física ou mental, a constituição assegura esta criança para que tenha um ensino de qualidade, mesmo assim a busca da construção de uma escola inclusiva regular tem certa dificuldade em integrar as crianças que tem deficiência independente do tipo, pois muitas vezes os profissionais que compõe a instituição não estão preparados para receber estas crianças com necessidades especiais, desta forma algumas escolas não tem alunos com deficiência.

Conforme Pimentel (2012. p. 35).

Em 1996, no Brasil, a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96 que, seu Art. 85, preconiza a educação especial como modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente em rede regular de ensino, ratifica as conquistas do movimento mundial pela inclusão e qualidade do ensino.

Apesar das dificuldades que essas crianças enfrentam ao tentar serem incluídas nas escolas com o ensino regular, as mesmas são aparadas por leis e artigos, onde estabelecem o total apoio para que os mesmos façam parte de uma educação sem descrição independente de suas características físicas ou mentais todos tem o direito de estudar e ter uma educação igualitária igual as dos outros alunos normais.

De acordo com LDB (2006. p.31).

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais. § 1º. Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial. § 2º. O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular. §3º. A oferta de educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil.

Mesmo que esses portadores de necessidades especiais sejam assegurados por leis e artigos para que tenham uma educação inclusiva, chegamos a algumas conclusões que nas redes publicas de ensino regular não se tem uma educação inclusiva, pois algumas não têm suporte suficiente para comportar crianças com determinadas deficiência. No caso da SD a escola regular conseguiu trabalhar com essas crianças, se tem uma certa dificuldades, pois as mesmas tem um desenvolvimento mais lento do que as normais, ou seja, acabam ficando um pouco atrasadas, desta forma o professor não pode parar completamente o conteúdo que esta sendo passado para a turma para atender somente o portador de SD, ai entra a questão, a lei ampara essas pessoas impondo que as mesmas tem direito de ter métodos e técnicas ministradas pelos seus educandos para que consigam atingir seus objetivos.

Desta forma a LDB (2006. p.32.).

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educando com necessidades especiais: I - Currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades.[...] IV - Educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidades de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins , bem como

para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artísticas, intelectual ou psicomotora.

Contudo os professores e as famílias dessas crianças com SD sofrem, pois a família sofre tentando incluir seus filhos no meio social, ou seja, coloca-los em uma escola regular, mas muitos têm medo porque os professores não estão preparados para trabalhar com criança portadora de necessidades especiais, sendo assim colocadas pela lei que as mesmas terão suporte para trabalhar com esse tipo de crianças, porém muitas vezes o professor trabalha sozinho em uma sala cheia, onde não consegue dar a atenção necessária para a criança especial desta maneira uma pessoa deveria auxiliar na sala de aula para melhor atenção sobre essas crianças.

A LDB (2006. p.32) afirma que:

Parágrafo Único. O poder Público adotará, como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com necessidades especiais na própria rede pública regular de ensino, independentemente do apoio às instituições previstas neste artigo.

## CAPÍTULO II

### 2 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada com o levantamento do referencial teórico e pesquisa a campo. No primeiro momento foram levantados dados sobre o tema escolhido, onde foram realizadas buscas em livros, artigos, revistas e monografias para que pudesse ter um embasamento teórico para o desenvolvimento da mesma. Algumas destas pesquisas foram realizadas na biblioteca da Faculdade AJES (JUÍNA/MT), outras vias internet.

Conforme Carnevalli (2012. P. 01).

A pesquisa de campo é uma fase que é realizada após o estudo bibliográfico, para que o pesquisador tenha um bom conhecimento sobre o assunto, pois é nesta etapa que ele vai definir os objetivos da pesquisa, as hipóteses, definir qual é o meio de coleta de dados, tamanho da amostra e como os dados serão tabulados e analisados.

Após a realização das pesquisas bibliográficas pudemos ver diversas opiniões e as próprias teorias sobre as crianças portadoras de SD e ver até onde vai a inclusão e o ensino aprendizagem destas crianças, desta forma toda a pesquisa foi de fundamental importância para se ter embasamento científico e teórico para o trabalho de conclusão de curso – TCC.

Logo em seguida as pesquisas teóricas foram feitas a pesquisa a campo em caráter qualitativo, com o propósito de verificar como se dá o processo de ensino aprendizagem utilizado pelos professores responsáveis pela sala de recurso no ensino regular e também professor da escola especializada para trabalhar com alunos portadores de deficiência neste caso a SD.

Segundo o dicionário Aurélio (2010. p. 627), relata que a pesquisa qualitativa tem a seguinte finalidade, “que exprime ou determina a qualidade”, ou seja, mostrar a qualidade de determinado lugar ou coisa.

Sendo assim a pesquisa a campo com o caráter qualitativo foi realizada na Escola Estadual 21 de abril, que fica localizada no bairro Padre Duílio a Escola Pestalozzi localiza no bairro Modulo III, ambas situadas no município de Juína/MT.

Fazendo a utilização de questionários dissertativos, o mesmo foi direcionado para o professor da sala de recursos onde as crianças com SD frequentam, coordenadores e diretor, visando verificar quais as metodologias utilizadas pelos professores ao trabalhar as atividades propostas para os alunos com SD, tendo em vista o método de ensino aprendizagem destes alunos também.

Aplicando-se o questionário para a professora da sala de recurso e observando o desenvolvimento cognitivo da fala e da escrita destes alunos entre as brincadeiras e as atividades. Desta forma participaram da pesquisa uma (01) professora da sala de recurso, um (01) coordenador, na escola especializa para trabalhar com os portadores de necessidades especiais, o questionário foi respondido em coletivo sendo professores, coordenadora e psicóloga.

Após a coleta de dados foi feito uma análise de todos os resultados dos questionários, sendo em forma de texto com citação dos professores, coordenadores e diretor, lembrando que nenhum nome será citado no decorrer do texto de análise de dados.

## CAPÍTULO III

### 3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

De acordo com Best (1972, a análise “representa a aplicação lógica e indutiva do processo de investigação. A importância dos dados não está em si mesma, mas em proporcionarem respostas às investigações”). (apud LAKATOS, MARCONI, 1991, P. 167). Nesse capítulo serão pautadas algumas considerações entendidas como importantes durante a pesquisa e que contribuíram para análise de dados.

A pesquisa de campo foi realizada nas escolas 21 de Abril e na escola Pestalozzi, sendo a primeira de ensino regular e a segunda de ensino especial, no entanto foi organizado este capítulo tendo com base os dados coletados com a aplicação do questionário voltado para os professores e coordenador, desta forma obtivemos vários pontos de vista entre os professores das duas escolas.

A partir disto apresentamos as informações obtidas, onde o professor da escola 21 de Abril será representado pela letra (P<sup>1</sup>) desta forma o coordenador que também pertence à mesma escola será representado com a letra (C), já os professores e a psicóloga da escola especial Pestalozzi serão representados pela letra (PP<sup>1</sup>) e o questionário será representado pela letra (Q) seguido do número da questão, sendo assim partimos para a análise interpretativa com a discussão das mesmas que foram construídas diante a fundamentação teórica e da metodologia apresentadas nos capítulos anteriores, portanto constituímos a subdivisão de acordo com as categorias que foram atribuídas anteriormente, onde as mesmas remetem à concepção do processo de inclusão e ensino aprendizagem das crianças portadoras de Síndrome de Down.

O professor ao ser questionado com a seguinte Q1. Qual sua opinião em relação à inclusão de alunos com síndrome de Down na escola regular? Pontos positivos e negativos, diz a professora P<sup>1</sup> (2014) “*sala regular ponto positivo que tem interação com os alunos*” já o coordenador C (2014) relata que “*é muito importante à inclusão dos alunos com síndrome down para que os mesmos se desenvolvam*” dentro dessas duas falas são citados três palavras fortes que são interação, inclusão e desenvolvimento, mas vendo este ponto de vista podemos nos perguntar será que

essas crianças estão sendo realmente incluídas e se a mesma esta se interagindo com os demais alunos e o desenvolvimento realmente acontece na sala regular, são pontos importantes que causam indagações pois sabemos que isso realmente não acontece na escola regular, por isso a resposta da psicóloga e professoras PP<sup>1</sup> (2014) seria a correta, pois diz: “ *pontos positivos: tentar incluir, socializar o aluno com os demais, já o ponto negativo: a escola não está preparada para atende-los*”, sendo assim a partir da fala da psicóloga e professoras PP<sup>1</sup> (2014) a resposta que mais condiz com o meio social enfatizando assim a falta de estrutura para atender estas crianças.

Dando sequencia ao questionário a próxima questão perguntada foi a Q2. Quais as metodologias que você utiliza com seu aluno portador de Síndrome de Down? O coordenador C (2014) relata que “*faz um trabalho diferenciado com os alunos*” já a professora P<sup>1</sup> (2014) diz que “*a metodologia é diferenciada para que possa desenvolver suas habilidades dentro da sua capacidade*”, desta forma fica a seguinte indagação será que trabalhar de forma diferenciada com a crianças portadora de down é a melhor solução, porque se é uma escola inclusiva como vai trabalhar uma metodologia diferenciada apenas com o aluno que possui SD, partindo deste ponto observamos que essa criança é incluída parcialmente, sendo que a escola é inclusiva porque trabalhar metodologias diferentes somente com este aluno, claro que o mesmo tem limitações e porque não trabalhar uma metodologia diferenciada com a sala toda trazendo está criança para a real inclusão, assim como a psicóloga e as professoras PP<sup>1</sup> (2014) falam: “*além do trabalho pedagógico em sala de aula, o aluno tem atendimento de fisioterapia, hidroterapia, fonoaudiologia e psicóloga um atendimento especializado*”, após esta fala observamos que a escola regular não comporta todos esses profissionais que auxiliam no desenvolvimento cognitivo e escolar da criança.



**Figura 01. Acompanhamentos e indicações.**  
Fonte: CASTILHO, Silva. (2014, p.02).

Em seguida dando continuidade as questões Q3. Segundo sua opinião, quais os aspectos facilitadores e dificultadores encontrado pelos professores para trabalhar com criança com Síndrome de Down? Aspectos facilitadores e Aspectos dificultadores. A partir disto o coordenador (2014) C diz que “os aspectos facilitadores é a vontade de trabalhar juntos e o aspecto dificultadores é a dificuldade do desenvolvimento da criança com SD”, sabemos que as crianças com SD têm dificuldades e limites no seu aprendizado, desta forma a professora (2014) P<sup>1</sup> fala que “os aspectos facilitadores é trabalhar com vídeo, computadores e atividades que desenvolva a motricidade da criança”, a mesma não relata os aspectos dificultadores que encontra para trabalhar com essas crianças, apesar de relatar os facilitadores podemos observar que a mesma utiliza de vários meio tecnológico para desenvolver as atividades com esses alunos, sendo assim a psicóloga e as professoras (2014) da escola inclusiva PP<sup>1</sup> relata o seguinte:

Aspectos dificultadores é trabalhar com os alunos que não se comunicam através da fala, onde dificulta o entendimento, já nos aspectos facilitadores acontece através do bom relacionamento entre a equipe gestora e funcionário da escola.

Desta forma observando as respostas dos professores das ambas as escolas falam quase as mesmas coisas, pois para trabalhar com crianças portadoras de SD requer todo um apoio da escola tanto dos professores, diretores entre outros funcionários o qual compõe o quadro de funcionários da escola se todos trabalharem em conjunto podemos fazer uma escola inclusiva cada dia melhor.

Logo após abordamos outra questão, Q4. Ao trabalhar com alunos com Síndrome de Down você utiliza várias estratégias de ensino. Quais são essas estratégias? Esta pergunta foi feita para os professores das duas escolas porem a resposta foi a mesmas, onde os três relatam que para trabalhar com as crianças deficientes precisa de muita dinâmica e de metodologias diferentes e assim ir aplicando varias atividades pedagógicas as quais estimulam coordenação motora.

Na questão Q5 pergunta o seguinte: Quais os recursos que você utiliza para trabalhar o desenvolvimento do aluno com Síndrome de Down? Todos os professores interrogados nesta pergunta responderam que é através de atividades pedagógicas, jogos educativos aonde são orientados pelos seus professores, esta

forma que é aplicada pelos professores esta correta, pois trabalha as varias formas de coordenação motora, raciocínio etc, prosseguindo com as questões entramos um pouco no quesito família ate aonde o apoio da família é importante para essas crianças portadoras de SD, a Q6. Qual a importância escola/família na percepção do professor de criança com Síndrome de Down? Ambas as escolas relatam que a relação da família é de suma importância para o desenvolvimento das crianças na escola, sendo assim falam que o carinho da família e dos professores é algo que contribui muito para a aprendizagem do aluno.



**Figura 02: Criança com Síndrome de Down tem aula no ensino regular.**  
**Fonte:** TAVONI. Marlon. (2013, p. 01).

A questão Q7 pergunta o seguinte: Como os alunos interagem com o/a aluno/a com SD? Todas as escolas diz que convive entre os alunos é harmonioso sedo que os alunos que não possui deficiência tenta fazer de tudo para a crianças portadora de SD, sendo assim os alunos normais interagem muito bem com a criança que possui necessidades especiais, a próxima questão Q8 pergunta o seguinte: Como você se relaciona com a criança com SD? Quais são suas expectativas em relação a ele/a? o mesmo disseram para essa questão que todos os funcionários que trabalha na escola tem um ótimo relacionamento com as crianças sempre tentando fazer o melhor para eles.

Hoje ainda se tem professores que tem dificuldades em incluir esses alunos, pois a vários casos que mostra um professor ministrando aula em uma sala de aula com 30 alunos o que dificulta o trabalho com a criança deficiente, pois se a mesma levar os conteúdos mais lentos acabará prejudicando os “normais” e se levar no ritmo destes propriamente ditos normais o prejudicado é a criança que tem deficiência, assim como relato de uma professora eles recebe um treinamento para

trabalhar com esses alunos especiais e que a escola também recebe livros sobre inclusão aonde os professores podem estar lendo e adquirindo mais conhecimento na área de ensino especial, mas fala que apreendem muito mais trabalhando com eles todos os dias e trocando informações com os colegas de profissão, porém devemos ressaltar que tem professores que se negam a trabalhar com esses alunos especiais em alguns casos podem até demissão do emprego.

## CONCLUSÃO

A pesquisa possibilitou que é necessário valorizar e respeitar as diferenças individuais dos alunos; conhecer as necessidades educacionais dos alunos independentemente se estas se relacionam com algum tipo de deficiência ou não, para que o professor faça as adaptações necessárias em suas práxis pedagógicas; a escola precisa segurar a aprendizagem de todos e um dos recursos é metodologias diversificadas para o ensino de qualquer disciplina.

O envolvimento e a participação da família é ainda mais necessário, tanto para o processo de inclusão social como para a aprendizagem. Desta forma é possível afirmar que na escola de ensino regular recebem alunos com necessidades especiais como a Síndrome de Down, mas a estrutura que a escola oferece não é adequada para os deficientes, pois na sala de ensino regular aonde interage com os outros alunos o deficiente não possui um acompanhamento de perto, ou seja, a sala tem em torno de trinta alunos, sendo somente uma professora para ministrar a aula e auxiliá-los.

Portanto a criança portadora de SD não consegue ter um bom desenvolvimento do ensino aprendido, o correto seria ter uma pessoa especializada para trabalhar com a criança onde a mesma pudesse ficar disponível para acompanhar o processo ensino aprendizagem da criança em sala como se fosse uma auxiliar de sala.

Esses alunos participam contra turno da sala de recurso, onde possui materiais pedagógicos que são utilizados para trabalhar com eles, neste momento a criança consegue fazer melhor a leitura das atividades propostas, pois tem uma professora disponível somente para ele, mesmo tendo essa sala recurso ainda faltam alguns tipos de profissionais como psicólogos etc.

Sendo assim, o mais correto seria a escola especializada para trabalhar com as crianças portadoras de necessidades especiais, porque as mesmas comportam uma equipe aonde possui vários profissionais que trabalham em conjunto para o desenvolvimento ensino aprendido das crianças portadoras de Síndrome de Down, pois as salas de aula possuem somente quinze alunos com uma professora e mais uma auxiliar nas atividades desenvolvidas com as crianças.

Portanto, os resultados obtidos neste trabalho de investigação sobre Síndrome de Down, apontam que a interação contribui para seu desenvolvimento enquanto pessoa e cidadã, embora, a inclusão deste aluno se dá mais pela sua presença física do que pelas interações professor-aluno e situações de ensino-aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Malu. **Políticas Educacionais e Práticas Pedagógicas: para além da mercadorização do conhecimento**. Campinas/SP.2010 - 2ª Edição. Editora Alínea

ALTON, Sandy, **Incluindo alunos com síndrome de Down na escola**. São Paulo. 2008. Disponível em: <https://groups.google.com/forum> < Acessado 10 de set. de 2013, às 19h30min.>.

ARANHA, Maria Salete Fábio. **Projeto Escola Viva: garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola: necessidades educacionais especiais dos alunos: Visão histórica**. 2 ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005. V.5.

BRASIL, Constituição da República Federativa Brasil: 1988. **Texto Constitucional de 5 de outubro de 1988**. Emenda constitucionais de Revisão de n. 1 a 6 , de 1994. Brasília. 2005. 25ª Edição.

CARNEVALLI, José Antônio, *et al.* **Desenvolvimento da pesquisa de campo, amostra e questionário para realização de um estudo Tipo Survey sobre a aplicação do QFD no Brasil**. São Paulo.2012. Disponível em: <http://etecagricoladeiguape.com.br> < Acesso dia 18 de nov. de 2013, às 16h51min.>.

CARVALHO, Rosita Edler, **A Nova LDB e a Educação Especial**. Rio de Janeiro. 2007 - 4ª Edição Revisada. Editora WVA.

CASTILHO, Sílvia. **O que é Síndrome Down?** São Paulo. 2014. Disponível em: <http://www.maesamigas.com.br/o-que-e-sindrome-de/>. < Acesso dia 10 de jun. de 2014 às 10h 00min.

Dicionário, Informal. **Cognitivo**. São Paulo. 2010. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/cognitivo/> < Acesso dia 16 de jun. de 2014, às 08h 00min

FÁVERO, Eugênia Augusta Gonzaga; PANTOJA, Luísa de Marillac P., MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Aspectos Legais e Orientações Pedagógicas**. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: Dicionário da Língua Portuguesa**. Curitiba. 2010. 8ª Edição. Editora Positivo.

FILHO, Ruy do Amaral Pupo. **Síndrome de Down - Causada por uma Alteração Cromossômica, é o Tipo Mais Comum de Retardo Mental.** São Paulo. 2000 Disponível em: <<http://www.boasaude.com.br/artigos-de-saude/3789/-1/sindrome-de-down-causada-por-uma-alteracao-cromossomica-e-o-tipo-mais-comum-de-retardo-mental.html>> Acessado em 21 de abr. de 2014 às 15h 30min.

FORTINO, Ana Claudia Pereira Cassiano. **A inclusão dos portadores de síndrome de Down na escola pública: O limite entre a socialização e a aprendizagem.** São Paulo. 2009. Disponível em: [www.esab.edu.br](http://www.esab.edu.br)< Acessado dia 30 de set. de 2013, às 09h41min.>.

FONTINELLI, Solange, *et al*, **Síndrome de down: como romper os desafios impostos pela inclusão.** Pitanga, Volume I. 2010. Disponível em: [www.ucpparana.edu.br](http://www.ucpparana.edu.br)< Acessado em 15 de agost. de 2013, às 15h50min.>.

KIEFER, Sandra. **Portador de síndrome de down vive mais, porém com poucas oportunidades sociais.** São Paulo. 2012. Disponível em: <[http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/03/21/interna\\_gerais,284549/portador-de-sindrome-de-down-vive-mais-porem-com-poucas-oportunidades-sociais.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/03/21/interna_gerais,284549/portador-de-sindrome-de-down-vive-mais-porem-com-poucas-oportunidades-sociais.shtml)> Acessado em 21 de abr. de 2014 às 15h00min.

PIMENTEL, Susana Couto, **Conviver com a Síndrome de Down em Escola Inclusiva: Mediação Pedagógica e Formação de Conceitos.** Petrópolis. 2012 –1ª Edição, Editora Vozes.

RIBEIRO, Darcy. LDB - **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Bauru. 2006 - 3ª Edição, Editora Edipro.

SASSAKI, Romeu Kazimi. **Terminologia sobre deficiência na era da inclusão.** In: VIVARTA, Veet (coord.). *Mídia e deficiência.* Brasília: Andi/Fundação Banco do Brasil, 2003, p. 160-165.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** – 22 Edição Revisada e Ampliada de acordo com a ABNT. Editora Cortez. São Paulo. 2002.

SILVA, Camila Oliveira, *et al*, **Síndrome de down: desafios e superações diante da realidade.** São Paulo. 2010–Disponível em: <http://guaiba.ulbra.br> < Acessado em 05 de set. de 2013, às 10h09min.>.

STRAY-GUNDERSEN, Karen. **Crianças com Síndrome de Down: Guia para pais e Educadores**. 2ª. Ed. Porto Alegre, 2007. 280p.

**TAVONI, Marlon. Educação inclusiva de Araras, SP, tem alunos com Síndrome de Down.** Araras – SP. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2013/03/educacao-inclusiva-de-araras-sp-tem-alunos-com-sindrome-de-down.html>. < Acessado dia 24 de jun. 2014 às 15h 57min.

VARELLA, Dráuzio, **Síndrome de down**. São Paulo. 2012. Disponível em: <http://drauziovarella.com.br/envelhecimento/sindrome-de-down-2/> < Acessado dia 30 de set. de 2013, às 09h41min.>.

VILLELA, Flávia, **Além de receber alunos com síndrome de Down, escola precisa acolhê-los, diz educadora**. São Paulo. 2013. Disponível em: [agenciabrasil.ebc.com.br](http://agenciabrasil.ebc.com.br) < Acessado dia 30 de set. de 2013, às 09h41min.>

VOIVODIC, Maria Antonieta M.A, **Inclusão Escolar de Crianças com Síndrome de Down**. Petrópolis.2013 –7ª Edição, Editora Vozes.

**APÊNDICE**



**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA**  
QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS PROFESSORES (AS)

**Prezado (a) Professor (a):**

Estamos realizando uma pesquisa sobre: **Inclusão e o desenvolvimento: ensino aprendizagem de crianças portadora de síndrome de Down** precisamos de sua colaboração no sentido de nos esclarecer algumas questões.

Por favor, procure responder com bastante sinceridade ao questionário e não se preocupe, pois suas respostas serão utilizadas apenas para o fim de estudo na pesquisa, sua identidade será preservada.

Atenciosamente,

**Jéssyca Mayara da Rosa Bernardi.**  
Curso: Pedagogia

Trabalho na escola: \_\_\_\_\_

Disciplina: \_\_\_\_\_

Turma que leciona: \_\_\_\_\_

Números de alunos na sala: \_\_\_\_\_

Quantos alunos com Síndrome de Down estudam em sua sala? \_\_\_\_\_

Idade do aluno: \_\_\_\_\_

Sexo: Feminino( ) Masculino( )

Tempo de atuação na escola: \_\_\_\_\_

1-Qual sua opinião em relação à inclusão de alunos com síndrome de Down na escola regular? Pontos positivos e negativos.

\_\_\_\_\_

2-Quais as metodologias que você utiliza com seus alunos Síndrome de Down?

\_\_\_\_\_

3-Segundo sua opinião, quais os aspectos facilitadores e dificultadores encontrado pelos professores para trabalhar com crianças com Síndrome de Down? Aspectos Facilitadores e Aspectos Dificultadores.

---



---

4-Ao trabalhar com alunos com Síndrome de Down você utiliza várias estratégias de ensino. Quais são essas estratégias?

Cite-as:

---



---

5-Quais os recursos que você utiliza para o desenvolvimento do aluno com Síndrome de Down?

---



---

6-Você teve ajuda de outros profissionais da escola no trabalho com esses alunos?

Sim ( ) Não ( )

Em sua opinião isso acontece por que na escola?

---



---

7- Qual é o papel das pessoas abaixo no processo ensino/aprendizagem de um aluno com Síndrome de Down:

Escola: \_\_\_\_\_

---

Professor: \_\_\_\_\_

---

Coordenador: \_\_\_\_\_

---

Dos pais: \_\_\_\_\_

---

Demais funcionários da escola: \_\_\_\_\_

---

Diretor (a): \_\_\_\_\_

---

8-Qual a importância escola/família na percepção do professor de crianças com Síndrome de Down?

---

---

9-Como os alunos interagem com o/a aluno/a com SD?

---

---

10-Como você se relaciona com a criança com SD? Quais são suas expectativas em relação a ele/a?

---

---